

A herança de Jânio

Preocupado em andar pelas ruas de Paris, Roma e Londres em tranqüilidade, o ex-presidente Jânio Quadros, em seu recente périplo pela Europa, divertia-se espantando turistas brasileiros dizendo-se portador de gripe incurável, produto de misterioso vírus egípcio. Como a última coisa que o turista quer é ficar doente em viagem, esses brasileiros apressavam-se em afastar-se de Jânio, deixando-o em paz em seus passeios. Parece que o ex-presidente está novamente usando a estratégia do vírus misterioso para se livrar da campanha eleitoral ou, mais provável, a fim de criar novo suspense na sua teatral carreira política. Talvez queira aparecer aos olhos do seu eleitorado como um homem que sacrifica a própria saúde pelo bem do Brasil.

Nem os mais próximos assessores de Jânio sabem o que se passa em sua confusa cabeça. Afinal, a doença alegada não engana ninguém. Não se fica quase cego, como reclama Jânio, da noite para o dia, exceto num acidente, o que não é o caso. Há menos de 90 dias, em Londres, Jânio se submeteu a longo *check-up*. O exame rendeu atestado médico, liberando-o para a vida normal, isto é, a campanha presidencial. O médico inglês que o examinou ainda brincou dizendo ao ex-presidente que sua saúde atendia a suas conveniências. Piada de inglês. Tanto Jânio poderia usar seu atestado a favor como contra a volta à vida política. Ele sofria, até o exame, apenas de porosidade óssea na perna, o que, além de infligir dores, dá-lhe o ar desengonçado no andar, o que já não é novidade.

Teatro ou não, Jânio, com sua renúncia, deixa mais confusa a direita que esperava apoiá-lo. É fato: sua campanha andava devagar. Mas ainda fomentava esperanças nos aliados. No governo, ultimamente, apenas o ministro José Aparecido continuava na campanha janista. Assessores do presidente Sarney, entretanto, já abandonavam o barco. Um deles afirmava, na semana passada, que o janismo palaciano era apenas produto da influência de Aparecido junto a Sarney. Com isso, o presidente fica ainda mais distante da sucessão. Afinal Jânio, vencedor ou não, era o seu passe para sentar-se à mesa dos presidenciais e, quiçá, no segundo turno, negociar com algum cacife. No governo, hoje alimenta-se a remota esperança de Aureliano Chaves ocupar esse papel, caso se concretize a renúncia janista. Mas Aureliano tem poucas chances eleitorais. Além disso, não morre de amores por Sarney, apesar de ter-lhe servido durante três anos.

Nesta altura, a direita encontra em Fernando Collor de Mello sua alternativa. Sarney não tem essa sorte. O candidato do PRN é-lhe especialmente antipático. Exemplo disso ocorreu na semana passada, quando o deputado Luís Eduardo Magalhães procurou o deputado Renan Calheiros, coordenador parlamentar de Collor, para pedir que abrigasse seus prefeitos no partido, porque ele mesmo não poderia *collorir* pela incompatibilidade do candidato com Sarney. Collor, nas últimas semanas, tem se esforçado para fugir ao rótulo de candidato da direita, mas não tem obtido êxito. Repeleu com veemência o apoio do general Newton Cruz, que caiu como lepra em suas costas. O deputado Delfim Neto fez elogios ao candidato. Collor, em resposta, fará duras críticas à sua política econômica quando ministro da Fazenda.

Collor sabe que será inevitável o cerco da direita. Ele se considera reformista cristão. Tentará, a partir de agora, com o acirramento das críticas da esquerda, deixar nítido seu programa de campanha. Começará por pregar reforma agrária com desapropriação de latifúndios improdutivos. Pensa também em defender reforma do solo urbano, para impedir que a especulação imobiliária limite o crescimento ordenado das cidades. Sua posição em relação à dívida externa está mais próxima das teses da esquerda do que da direita. Quer retirar o aval da União sobre os empréstimos, deixando que banqueiros negociem individualmente cada caso. Recusa apoio de empresários e empreiteiros e argumenta que a maioria não quer ajudá-lo mas tutelá-lo.

Agora Collor lança suas pontes para a esquerda usando o prestígio do deputado Renan Calheiros, velho autêntico do PMDB, com passagem pelo insuspeito Partido Socialista Brasileiro (PSB), antes de bandear-se para o recém-nascido PRN. É provável que, através desse canal, Collor conquista algumas alianças junto aos *tucanos*. Enfim, Collor foge como pode da pecha de direita. Mas é daí que chega o apoio mais fácil, por falta de candidato melhor. Assim, o legado de Jânio Quadros, caso se confirme a renúncia, ao contrário de ajudar, pode, nesta altura da campanha, ser fatal.

Etevaldo Dias